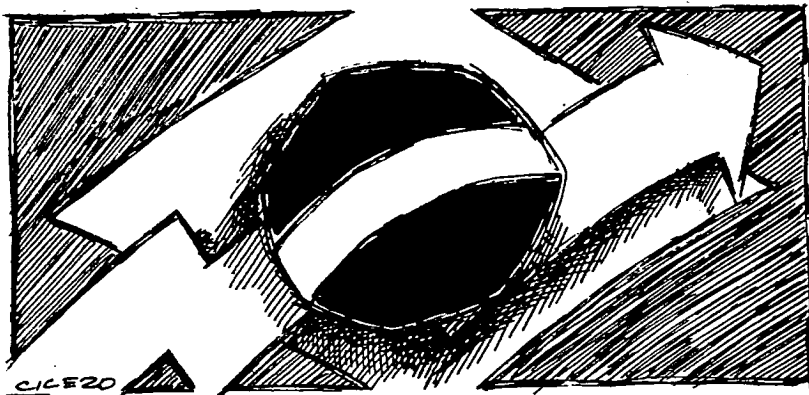


Crescimento da economia ^{Brasil} é para valer, diz a PUC

Rio — O crescimento econômico que o País está vivendo é sustentável, pois já dura quase dois anos. Uma evidência de que ele tem mais consistência do que se costuma pensar é que a utilização da capacidade instalada das empresas cresceu dez por cento de janeiro de 1992 até junho último. A conclusão é do economista José Márcio Camargo, editor adjunto do boletim Economia, Capital & Trabalho, publicado pelo Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUB-RJ). O boletim, que usa dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), deixa claro, contudo, que para o nível de emprego o panorama ainda não parece muito bom, pois somente em janeiro último voltou a crescer, e mesmo assim de forma lenta — apenas dois por cento desde janeiro do ano passado.

O editor do boletim, o economista Edward Amadeo, diz que o crescimento continuado mostra que está havendo no Brasil uma divergência entre a microeconomia e a macroeconomia. “É como se as empresas tivessem ficado



cansadas de esperar a estabilização da macroeconômica e decidido tocar os seus negócios independentemente da inflação crescente e de outras incertezas”, explica. A abertura da economia também colaborou, acrescenta. De acordo com ele e Camargo, o indicador de utilização da capacidade instalada é muito conveniente para se analisar o comportamento da economia, porque apresenta menor volatilidade do que o comportamento das vendas, que cresceram 20 por cento de janeiro de 1992 até junho. De acordo com Camargo, dificilmente se poderia dizer com certeza se o cresci-

mento vai continuar, dadas as incertezas políticas, entre outras coisas. Ele identifica, entretanto, pelo menos um sinal favorável no horizonte: a importação de máquinas e equipamentos está se expandindo, o que envolve decisões de investimentos baseadas em uma percepção de manutenção do crescimento. A taxa de investimento em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) ainda é muito baixa (cerca de 17 por cento), mas de acordo com ele isso reflete principalmente a redução dos investimentos do setor público, que era responsável por dez pontos percentuais da taxa.